

ANTES ERA A VEROCA: MEMÓRIAS SOBRE UM PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO DA PAISAGEM¹

Karina Cunha Pimenta – UFOPA
Paisagem. Memória. Transformação.

O presente trabalho busca realizar parte da reconstrução do processo de transformação da paisagem ocorrido na antiga praia da Vera Paz nos últimos vinte anos através da memória dos moradores do bairro do Laguinho, em Santarém/PA. O objetivo é demonstrar quais os impactos da implantação e operação do Terminal Fluvial de Granéis Sólidos da multinacional Cargill em âmbito citadino, e em relação aos povos do rio e da mata que habitam na região, como beiradeiros, ribeirinhos, indígenas e quilombolas. Para tanto, utilizou-se o como fonte de pesquisa a revisão bibliográfica em artigos, dissertações e teses publicados sobre o tema, bem como, coleta de relatos de vida e observação participante.

Fotografia 1 – Barracas na praia da Vera Paz



Fonte: Blog Você se lembra? (2014)²

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022

² Disponível em: <http://ignacioneto.blogspot.com/2014/10/santarem-saudosa-praia-da-vera-paz.html>.

Acesso em: 10 mai 2022

Onde antes era situada uma das praias de mais fácil acesso à população da cidade de Santarém, a Praia da Vera Paz, popularmente chamada de “Veroca”, lugar de lazer, pesca e campeonatos de futebol, agora é conhecido como “Bosque Vera Paz”. O local foi alvo de grande disputa territorial quando este patrimônio de inestimável valor sociocultural se viu impactado pela instalação do Terminal da multinacional Cargill. Hoje o que vemos no local é um complexo de estruturas portuárias e de armazenamento situados à margem direita do rio Tapajós. Nesse processo, famílias ribeirinhas foram retiradas de suas moradas à beira do rio, onde plantavam e pescavam seus alimentos e empurradas para a periferia, enquanto a paisagem se transformava.

Nos anos 90, na praia, se via banhistas, areia branca, muitas árvores frutíferas e barracas de venda das mais diversas. Aos fins de semanas, era palco de campeonatos das famosas peladas de futebol. Ao longo dos anos, essa imagem foi dando lugar ao embarque e desembarque de grandes peças de madeira e, cada vez mais, embarcações de grande porte foram tomando conta do local. A areia mudou de cor, Santarém passou por um processo de expansão, a área em torno da praia foi aterrada para dar lugar à construção de bairros, ruas e casas, o campo sumiu. Devido às nuvens de fuligem da soja e do milho, já não se enxerga ou respira como antes.

Fotografia 2 – O sol se pondo em meio às estruturas do Terminal



Fonte: Acervo Bárbara Vale (2020)

Em Santarém, a produção do urbano se deu a partir de uma forma peculiar de ocupação do espaço, compreendida a partir de processos históricos, geográficos e culturais únicos. As atividades desenvolvidas em contexto regional, sejam econômicas, políticas ou sociais contribuíram enormemente para a organização do espaço da cidade e, acabaram assim configurando as relações que os moradores do bairro do Lagunho desenvolveram com o rio e a paisagem ao longo de todo seu processo histórico. As atividades mais recentes, como o cultivo e exportação da soja, apresentam novas dinâmicas, dessa forma atribuindo novas funções para alguns espaços da cidade, no caso aqui trabalhado, esse espaço seria a área correspondente à antiga praia da Vera Paz e o atual bairro do Lagunho.

A partir das novas rodovias de acesso à hidrelétrica de Curuá-una, ao aeroporto e a rodovia BR-163 (Cuiabá-Santarém), a cidade de Santarém teve sua expansão definida pelos contornos, nessa fase não se debatia a estruturação da cidade, apenas que pudesse servir como suporte para ser um ponto de controle. Segundo Gomes e Cardoso (2019), os espaços que antes abrigavam outros modos de vida que dependiam da terra tornam-se invisíveis e incompreendidos e passam a ser interpretados como a periferia precária da cidade capitalista.

Durante o período posterior à instalação do terminal da multinacional, a área correspondente ao bairro do Lagunho passou por um processo intenso de gentrificação, no qual a chave desse processo seria o poder político e o poder de produção, visto que isso ocorreria como uma maneira das elites locais e famílias herdeiras expressarem de maneira simbólica seu poder sobre os espaços, ressaltando a diferença de classe.

De acordo com Gomes e Cardoso (2019), à medida que avançou a correspondência entre espaço de produção e espaço de poder e deixou de existir disputa de territórios, as estruturas físicas de forte poder simbólico tornaram-se restritas aos espaços de poder, admitindo o tratamento do espaço restante como periferia, normalmente apresenta claras evidências de sua subordinação ao modo de produção hegemônico, visto que novas tipologias espaciais e construtivas emergem na paisagem (Cardoso et al., 2017).

Na região, as manifestações de diversidade assumem diferentes formas de resistência pelas comunidades ribeirinhas e extrativistas, bem como pelos povos indígenas e quilombolas, manifestações que são vinculadas ao passado e, que podem ser

tomadas como exemplos de equilíbrio em arranjos para um futuro que não acabe com nossos rios e florestas. Dessa maneira, a cidade resiste apesar de sujeita a fortes dinâmicas globais. O paradigma industrial acaba não proporcionando nenhum benefício aos grupos que não estão participando dessa dinâmica capitalista. Porém, agrava disputas e controle de terras, redução da biodiversidade, contaminação de rios, alteração do regime hídrico.

Durante a expansão urbana, nos arredores de onde se instalou o terminal fluvial de granéis sólidos da Cargill, havia o rio Tapajós como limite natural, rio este que funcionava como obstáculo a essa expansão, um limite que acabou sendo extrapolado. Hoje assistimos a empresa graneleira tomar conta de mais da metade da margem direita do Tapajós, evidenciando que para a expansão do capital, o Tapajós é a continuação dessa via expansionista.

Fotografia 3 – Terminal avançando sobre o rio



Fonte: Acervo Karina Pimenta (2021).

Para Gomes e Cardoso (2019), a manutenção desses limites naturais por séculos demonstra a sua relevância para o cotidiano da vida das pessoas e a preservação da herança de parte da população local da interdependência com a natureza (espaços de lazer, sociabilidade e produção familiar), não reconhecida como relevantes pela fase urbano-industrial do capitalismo.

Os moradores locais não têm mais acesso para aquele espaço que durante um bom tempo foi tão importante na vida social santarena, para onde dezenas de poemas e canções haviam sido dedicados, agora os banhistas e ribeirinhos não teriam mais onde nadar ou atracar seus barcos e canoas.

A antiga praia da Vera Paz foi um dos principais impasses à época da construção do terminal graneleiro, sendo uma praia bastante popular, era muito frequentada e acessível a população da periferia da cidade, assim a construção do porto teria servido para extinguir definitivamente o uso daquele espaço de maneira recreativa.

Sua família veio morar em Santarém em 1967, e sua mãe decidiu morar na beira da praia da Vera Paz, a “Veroca”, devido a abundância da água (...) as casas eram de “madeira com assoalho alto” e nos finais de semana várias famílias da cidade iam pra Veroca para se divertir. Dona Osmarina nos contou que os torneios de futebol eram momentos para a confraternização dos moradores, ela tinha um time: O Canarinho. E seu Anacleto tinha: o União. Ela era costureira e fazia as roupas do time e ajudava com as roupas das crianças do bairro, já seu Anacleto trabalhava em uma madeireira e pescava para complementar a renda. Dona Osmarina e seu Anacleto criaram seus oito filhos na beira da praia, todo domingo de manhã iam para a missa de São Raimundo, e depois da missa iam para casa e assavam peixe com seus familiares e vizinhos. Quando tiveram que mudar esse costume de se reunir ficou somente entre familiares, pois os vizinhos se dispersaram. (D. Osmarina citado em PIMENTA et al., 2018)

Além das brigas judiciais, houve também mobilizações sociais e manifestações contrárias a implantação do terminal, havendo a necessidade de se criar uma nova imagem da Cargill diante da população local e mundial, para desconstruir a de exploradora e prejudicial para o meio ambiente e para a região norte, foi então que a partir desse objetivo foi idealizado conjuntamente entre a empresa e a prefeitura municipal a criação e construção do Bosque Vera Paz.

Em 2005, houve uma reforma e requalificação da orla da cidade, a prefeitura municipal conjuntamente com a Companhia Docas do Pará e a Cargill lançam o projeto Bosque Vera Paz, com a intenção de resgatar a relação de proximidade entre a população local com o que restou da referida praia e sua importância para a vida urbana santarena, sendo responsável assim por recriar espaços urbanos enquanto a população local assiste aos processos de produção do espaço ao longo dos anos.

Ao utilizar a ideia de paisagem proposta por Ingold, o qual aborda através de uma perspectiva não dicotômica a ligação entre as relações humanas e as relações ecológicas que envolvem a ação de não humanos. Em sua visão, a paisagem não seria uma constante física, mas algo em transformação, imersa no fluxo do tempo, dessa forma, a paisagem extrairia seu sentido das relações em que está imersa. Partindo disso, as pessoas e as paisagens que habitam passariam por um processo de mútua constituição.

Portanto, se as relações sociais e as transformações da paisagem estão interligadas, o que colabora para que isso aconteça seria justamente a capacidade de elementos não humanos da paisagem fazerem história. Ao seguir as ferramentas conceituais de Tsing (2019) entendo que paisagens adentram em suas histórias por meio de perturbações, e que seguir história de perturbação é uma maneira de fazer da paisagem um protagonista dinâmico.

Ao fazer esse movimento de enxergar a paisagem como algo mais complexo do que um cenário imutável e inerte para as relações humanas, enxergamos os sentidos de resistência que vibram através dela. A paisagem sendo fonte de produção de diversidade, vai de encontro com as empresas que geram homogeneização e a simplificação da modernidade. Devido a implantação e operação do Terminal da Cargill na área da antiga praia da Vera Paz, os moradores foram gradualmente proibidos não só de habitar, mas também de realizar atividades de lazer no local.

Já Tsing (2019) se embasa no conceito de história como os rastros e sinais humanos e não humanos, e como estes criam paisagens. E no, de coordenação, como uma lente para se observar as coisas interagindo umas com as outras. Para a autora, as paisagens são reuniões multiespécies, práticas de possibilidades de convivência, assembleias trabalhando em coordenações dentro de uma determinada dinâmica histórica.

Busco aqui trazer o conceito de paisagem em perturbação e atribuí-lo ao que ocorreu na antiga praia da Vera Paz. O bosque Vera Paz já nasceu cercado de expectativas pelos moradores próximos e pela população em relação ao turismo e ao lazer. Porém o que se assiste hoje é um local de abandono, onde poucos pescadores tentam ganhar o seu entre o lixo que se acumula em seus entornos e a nuvem de poeira que se forma em cima do rio com o manejo da soja tão próximo.

Dessa forma, pensar a paisagem partindo de sua diversidade histórica e da coexistência de temporalidades nos permite compreender melhor as transformações marcadas nas memórias dos moradores e evidentes no olhar de hoje. Pois, pensar diversidade temporal nos faz chegar na ideia de transformações e permanências nas relações dadas dentro de determinada paisagem, uma vez que ao compreendermos o processo histórico capitalista como produtor de paisagens com temporalidades contraditórias, essa perspectiva não nos deixa vermos o bairro, o terminal e o rio nem como essencialmente tradicionais e imutáveis e nem apenas como espaços totalmente transformados pelo capital.

Para Costa, T. (2012), o espaço urbano também é reflexo de uma sociedade capitalista, expressa em sua paisagem. Portanto, a profunda desigualdade social desta sociedade espelha relações profundamente contraditórias e excludentes.

Fotografia 4 – Bosque Vera Paz em 2021



Fonte: Acervo Karina Pimenta (2021)

Nesta paisagem atual, tais transformações coexistem com um modo de vida que se dá por meio da permanência de usos já estabelecidos e expressões de sobrevivência e resistência. O início do bairro do Laginho, o terminal da Cargill e o rio Tapajós, são lugares formados por uma diversidade de usos, nos quais se impõe como espaços de encontros e desencontros de perspectivas e de tempos históricos diferentes e

contraditórios, mesmo que contemporâneos, pois são lugares onde transformações e permanências coexistem. Sendo assim, a paisagem não pode ser entendida enquanto um processo finalizado, e sim como algo dinâmico que assim como permanece, acaba por se transformar.

Segundo Pereira (2013), a “fala do desenvolvimento” produz um sentido de Amazônia que a associa ao vazio sociocultural e demográfico, a uma natureza abundante e selvagem que precisa ser incorporada ao desenvolvimento nacional por meio do projeto de modernização capitalista para a região. Com tal característica também se refere às pessoas que vivem e habitam aquele local, pois essas em vista da lógica capitalista seriam incapazes de transformar em riqueza econômica o patrimônio natural que detém. (PEREIRA, 2013, p. 130). Durante o período posterior à instalação do terminal da multinacional, a área ao bairro do Laguinho passou por um processo intenso de gentrificação.

Mas quais seriam os fatores que levaram o lugar onde abrigava a antiga praia a ser massacrado pelas próprias pessoas que lá habitavam? Com o aterro do que restou da praia da Vera Paz e o deslocamento das famílias que ali moravam, o fim dos campeonatos de futebol, muitos se dispersaram para outros bairros e cidades próximas, os encontros entre os moradores ficaram limitados às próprias famílias. Diversos moradores viviam do que ali plantavam e vendiam, como frutas e hortaliças e, tiveram que buscar uma alternativa de renda. Desse modo, acabou por desfazer gradativamente as redes de sociabilidades dos moradores, bem como, a falta de alternativa de lazer e o abandono do lugar, em relação à iluminação pública, coleta de lixo e segurança pública surgiram como principais pontos favoráveis ao uso do lugar pela empresa Cargill.

Nos relatos de vida coletados, é notável como os moradores atrelam a chegada da empresa com a redução da violência em vias públicas, bem como a redução de assaltos e furtos em suas casas. A chegada de luz na área onde havia a antiga praia Vera Paz também segue vinculada a chegada do progresso, hoje não se vê o céu estrelado a margem direita do rio Tapajós sem observar também as centenas de luzes que se encontram ao longo de toda a estrutura do terminal. Ali, o rio encontra com o bosque abandonado pelos cuidados humanos, encontra com os resíduos humanos de exploração do ambiente chamado de lixo, encontra com o cemitério de embarcações abandonadas e os pescadores que ainda

vão arriscar pescar e vender o fruto de seu trabalho, encontra com os animais que ali obtiveram abrigo como, por exemplo, os gatos.

Fotografia 5 – Canoas abandonadas no bosque



Fonte: Acervo Karina Pimenta (2021)

Para Pollak (1992), os elementos constitutivos da memória individual e coletiva, em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente, e em segundo, os acontecimentos “vividos por tabela”, ou seja, pelo grupo ou pela coletividade ao qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. (POLLAK, 1992). Além disso, como elemento constitutivo, há também os lugares. Segundo o autor, existem lugares de memória, lugares estes que são particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser pessoal mas também pode ser apoiada no tempo cronológico e vivida coletivamente, aqui destacamos o caso da antiga praia da Vera Paz.

Desse modo, escre(ver) a memória tornou-se algo recorrente no fazer antropológico, como modo de preservação cultural diante de intensos processos de transformação que a sociedade enfrenta. Neste trabalho, o papel da memória foi

importante para reconstruir e organizar parte da história do lugar, possibilitando entender fatos que não poderiam mais ser observados.

Hoje o sentimento que perpassa ao se caminhar no trajeto que perpassa o fim do calçadão da orla e chega ao bosque Vera Paz, indo de encontro com o terminal é de que a memória da praia que existia ali ainda está lá, nesse caso, o uso da memória oral é visto essencialmente como resistência política, já que o passado narrado assume o lugar de resistência frente a ameaça de desenraizamento.

Ao entendermos isso, podemos experimentar uma perspectiva que mude a dinâmica do lugar. A praia se tornou Bosque e se viu necessário pensar sobre as transformações ocorridas na paisagem. Hoje, o porto da Cargill ocupa mais da metade da margem direita da cidade de Santarém. A memória do que era não desaparece, ela resiste assim como a conexão que existia anteriormente aparece hoje de outras maneiras. Ao longo desses anos, os moradores foram se habituando aos poucos a não estranhar partilhar o pôr do sol com as megas esteiras e os armazéns de silos da Cargill. Paisagem naturalizada, agora parece mais como parte da composição, uma ao lado da outra, em uma fusão que apenas o capitalismo e a chamada modernidade seria capaz de prever. Aquele pedaço de terra, assim como grande parte da nossa região foi tomado das pessoas que ali faziam morada, e com ele um pedaço da história das populações que aqui habitavam foi invisibilizado.

A partir dessa pesquisa, desenvolvida com moradores de uma área urbana em Santarém, tive acesso a mais diversas questões em respeito dos impactos da implementação e operação do terminal da multinacional Cargill não só diretamente na área afetada de maneira física, correspondente à antiga praia Vera paz e ao bairro do Laguinho, podemos acompanhar em larga escala como empreendimento desse porte e desse setor impactam a vida dos povos e comunidades que dependem do rio e da terra para sua sobre(vivência). Como herança atual do colonialismo na região, quilombolas, indígenas e comunidades tradicionais, tem seu modo próprio de fazer política e economia, bem como seus conhecimentos e saberes inferiorizados frente ao ideal do progresso. Para essas pessoas, o progresso e desenvolvimento da lógica capitalista significam o agravamento da omissão a assistência à saúde, ausência de políticas ambientais próprias que levem em consideração seus modos de vida, poluição socioambiental, destruição dos territórios ancestrais e assassinatos.

A relevância dessa temática se torna imprescindível para compreendermos o processo constante das transformações ocorridas na cidade de Santarém nas últimas décadas e sua diversidade ao se tratar de uma cidade no meio na Amazônia e com um potencial enorme de exploração pelo círculo mundial hegemônico capitalista. Desse modo, ao focar no conjunto de transformações na paisagem ocorridos no bairro do Lagunho e na antiga praia da Vera Paz os quais se tornaram palco de um empreendimento multinacional, este trabalho assume a importância de compreender quais mudanças e permanências no que concerne às formas de relações entre o humano e não humanos são mantidas historicamente entre o espaço que remete ao bairro, ao terminal e o rio. Portanto, o caminho do enfrentamento a esse tipo de pensamento, a essa colonização intelectual e política de extinção, não é fácil, pois passamos a ser quase que apenas espectadores das futuras ruínas que nos cercam, achando que o rio Tapajós será sempre essa imensidade e, que praias como a de Alter do chão, não correm risco de ter o mesmo destino que a antiga praia da Vera Paz.

Referências:

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**. Ensaios de Psicologia Social. São Paulo; Ateliê Editorial; 2003

COSTA, Tatiane de Cássia da. **A relação cidade e rio na Amazônia**: mudanças e permanências frente ao processo de urbanização recente, o exemplo de Santarém (PA). Orientador: Sant-Clair Cordeiro da Trindade Júnior. 2012. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Programa de Pós - Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido. Belém, 2012.

COSTA, Solange Maria Gayoso da. **Grãos da floresta: estratégia expansionista do agronegócio na Amazônia**. Orientadora: Rosa Elizabeth Acevedo Marin. 2012. Tese (Doutorado em Ciências do Desenvolvimento Socioambiental) - Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.

INGOLD, Tim. **A temporalidade da paisagem**. in: BESSA, Altamiro Sérgio mol (Org). A unidade múltipla: ensaios sobre a paisagem. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da UFMG, p. 111- 153, 2021.

LOPES, Rhuan Carlos dos Santos. **As Diversas Ocupações da Área Portuária**. in: SCHAAN, Denise Pahl e ALVES, Daiane Travassos (Org.). Um porto, muitas histórias: arqueologia em Santarém. Belém: Gráfica Supercorres, p. 135-143, 2015.

NORA, Pierre. **“Entre memória e história: a problemática dos lugares”**. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, n. 10. São Paulo, dez. 1993.

PEREIRA, José Carlos Matos. “**Cidade na floresta: Belterra, a experiência da plantation de seringa de Henry Ford na Amazônia brasileira (1934-1945)**”, en Avances del Cesor, Año X, N° 10, p. 129-150, 2013.

POLLAK, Michael. “**Memória, esquecimento, silêncio.**” Estudos Históricos, Rio de Janeiro: vol. 2, nº 3, 1989.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social.** In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, 1992, p. 200-215.

TSING, Anna. **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno.** Brasília: IEB/Mil Folhas. 2019.

PIMENTA, K. et al. **Saudades da Veroca: Memórias da Praia de Vera Paz antes do Porto da Cargill, Santarém/PA.** In: 8º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária (CBEU), 2018, Natal. ANAIS | Vol. 2 - Área temática: Cultura. Natal: UFRN. v. 2. p. 465-485. 2018

VICENTINI, Yara. **Cidade e história na Amazônia.** Curitiba: EDUFPR, 2004.